



Professora Dra.  
**Danyelle Nilin  
Gonçalves**

## Resumo

Danyelle Nilin Gonçalves possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Ceará (1999), mestrado em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (2001) e doutorado em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (2006). Atualmente é professora associada no Departamento de Sociologia da Universidade Federal do Ceará, onde é coordenadora do Laboratório de Política, Educação e Cidade (LEPEC). Também é uma das coordenadoras do Comitê de Pesquisa “Ensino de Sociologia” da Sociedade Brasileira de Sociologia. Participou da equipe da UFC que elaborou o Plano Integrado de Regularização Fundiária (PIRF) das Zonas Especiais de Interesse Social (ZEIS) do Bom Jardim, Pici e Poço da Draga, na cidade de Fortaleza. Esta ação foi coordenada pelo LEPEC e desenvolvida em parceria com a Prefeitura Municipal de Fortaleza e o Instituto de Planejamento de Fortaleza (IPLANFOR), entre 2019 e 2020. Em 2020, participou da equipe de pesquisadores do projeto Virando o Jogo – Juventude e Superação: Intervindo e Monitorando para Construir Competências Familiares e Habilidades Socioemocionais, desenvolvido pela UFC e a Universidade de Fortaleza (UNIFOR), para pesquisar, avaliar e intervir no programa Virando o Jogo da Secretaria de Proteção Social, Justiça, Mulheres e Direitos Humanos (SPS) do Governo do Estado do Ceará. Tem experiência na área de Sociologia, com ênfase em Sociologia Política, Sociologia da Educação e Sociologia Urbana, atuando principalmente nos seguintes temas: educação, anistia, sociologia, juventude, ditadura militar e campanhas eleitorais.

**DoCEntes:** Hoje, no Brasil, há redes nacionais de ensino e políticas de formação continuada para professores da educação básica, das quais você participa coordenando o Profsocio. Como se dá a oferta de mestrados profissionais e qual a importância disso para se ter, na sala de aula, um professor pesquisador, aquele que associa teoria à prática?

**Danyelle Nilin:** Existem vários tipos de mestrados profissionais no Brasil: os mestrados profissionais de diferentes áreas e os mestrados profissionais que têm um foco maior na formação de professores que lecionam na educação básica. O Profsocio é voltado para os professores que trabalham com a disciplina de Sociologia, mestrado do qual eu sou a coordenadora nacional. É um mestrado que funciona em rede e essa é uma característica também de alguns dos mestrados de formação de professores. Ou seja, são várias formações associadas ao mesmo mestrado para os professores da educação básica.

Atualmente, a gente tem nove núcleos, oito instituições associadas e a UFC (Universidade Federal do Ceará), que é a âncora. Ainda, no Ceará, temos a UVA (Universidade Estadual do Vale do Acaraú); na Paraíba, a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), nos Campi de Campina Grande e de Sumé; em Pernambuco, temos a Fundaj (Fundação Joaquim Nabuco); na Bahia, a Univasf (Universidade Federal do Vale do São Francisco); no Paraná, a Universidade Estadual de

Londrina e a Universidade Federal do Paraná; em São Paulo, nós temos a Universidade Estadual Paulista (Unesp/Campus de Marília). Já tivemos 3 edições, tendo a primeira turma finalizado agora no final de 2020 e início de 2021.

Essa ideia de se pensar um mestrado no formato profissional e direcionado à formação de professores é da Capes. É ela que financia, por meio da Diretoria de Educação Básica, os projetos e os laboratórios de pesquisas sobre a condição de atuação do docente na educação básica; e também faz jus à qualificação desses professores, mais voltada para sua área de atuação, ou seja, para o chão da escola. A partir do mestrado profissional eles dispõem de um aspecto mais prático, diretamente relacionado com o campo da atuação do professor. Dessa forma, vivenciam as novas metodologias, as discussões sobre a didática, as possibilidades de intervenções pedagógicas, as possibilidades de realização de sequências didáticas e de documentários sobre a educação ou aspectos da educação. Esta é a proposta: praticidade. E como é um tipo de mestrado que tem que ser aprovado pela Capes, além da aprovação inicial, a cada edição, a gente pede aprovação à Capes para abrir um novo edital. Nesta perspectiva, ela define realmente se a gente pode ter mais vagas ou não.

Em 2017, nós tivemos a primeira seleção para turma que entrou em 2018, em 2018, nós tivemos a seleção para 2019. Em 2019, nós

não tivemos seleção. Agora em 2020, nós tivemos uma seleção que, em função da pandemia, só vai iniciar em 2021. Há um processo seletivo, como nos mestrados acadêmicos, que também é feito em rede para todas as associadas. As pessoas se inscrevem no mesmo momento e precisam comprovar que são professores. Inclusive, para poder se inscrever, fazem uma proposta do que é que vão querer desenvolver no mestrado. Há uma prova de conhecimentos teóricos, que nesse último ano, foi feita de forma remota, depois, a análise do currículo. Além dessa prova oral, há uma defesa do instrumento seletivo, previsto no edital, que chamamos de Carta de Intenção.

Cada instituição estabelece o número de vagas em conformidade com o número de professores cursistas, levando em conta a quantidade de orientadores. Isso varia de instituição para instituição. A gente tem instituições que oferecem 10 vagas e outras que ofertam 20 vagas, dependendo muito de quantos professores estão disponíveis para orientar, já que muitos também fazem parte dos mestrados acadêmicos.

Essa é a questão da seleção em si, quando a pessoa pergunta sobre qual é a importância para ter na sala de aula um professor pesquisador! Ela é tremenda! O professor ao estar no mestrado, além de ler mais temas, assuntos e notícias relacionados à escola e a sua prática, troca muita experiência com outros colegas, com os professores que também

estão em sala de aula. O que faz com que ele consiga perceber alguns fatos e ocorrências que, muitas vezes, estando tão imerso na sala de aula, no dia a dia do ativismo, acaba não prestando muita atenção. Já quando se está pesquisando, o olhar é mais focado, realmente, no processo para entender um pouco mais sobre o porquê de as coisas acontecem e de como elas acontecem. Ao se desnudar mais os fenômenos – e nesse sentido associando a teoria à prática –, todo mundo tende a ganhar. Por sua vez, ao conseguirem fazer trabalhos que, além da densidade teórica, tenham também o aspecto prático muito forte, se espera, claro, que ao voltar para sala de aula, eles sejam profissionais mais qualificados, mas cientes também de alguns fazeres do processo de ensino-aprendizagem, da própria prática e postura profissional, que revejam algumas práticas e posturas, que se aperfeiçoem e melhorem as práticas que já funcionavam, inclusive. Assim há uma tendência muito grande de que o fazer didático e pedagógico funcione melhor.

A gente fez uma pesquisa com os nossos egressos e eles disseram que sim, que muito do que se estuda no Profsocio, eles conseguem ver aplicação e já aplicam na sala de aula. Então a gente percebe muita conexão e a tendência é que realmente o ensino de Sociologia se torne mais bem trabalhado do que era anteriormente.

**DoCentes:** De acordo com sua larga experiência em formação

docente, pesquisa científica, e diante da participação, elaboração e orientação sobre inúmeros trabalhos em sua carreira acadêmica, quais novas ideias e projetos de investigação científica podem ser desenvolvidos diante da atual conjuntura da educação básica?

**Danyelle Nilin:** Eu acho que esse momento da educação básica é muito rico para a gente analisar. Antes mesmo da pandemia, inclusive, com todas as propostas que a Reforma do Novo Ensino Médio e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) trouxeram. Discussão sobre a reformulação dos currículos – para onde anda ou deve andar a educação –; qual o lugar do protagonismo dos jovens, dos educandos, na sala de aula, na escola, são bons temas para pesquisa. Frente a tudo o que está acontecendo, nos últimos anos, no país, e a pandemia trouxe uma questão a mais: a desigualdade de oportunidades, pela enorme discrepância de acesso à tecnologia, de poder estudar de forma remota, algo que se mostrou bastante evidente no Brasil. A gente já sabia que havia uma disparidade grande, mas o momento da pandemia acentuou que parte dos jovens não tem um bom acesso à tecnologia, não sabe usá-la, não tem os recursos suficientes para poder usar as ferramentas tecnológicas voltadas às atividades educativas. Além disso, a própria escola nunca discutiu, muito bem, a questão da autonomia do estudo que é necessário no momento como esse, por exemplo.

Por sua vez, é na própria condição docente – que o nível de trabalho dos professores da educação básica aumentou sensivelmente –, já que os próprios professores, também, não haviam sido treinados, anteriormente, para trabalhar com essas plataformas e tiveram que aprender, às vezes, na marra. Tudo isso aí, certamente, virá para os próximos temas de pesquisa: os impactos que a pandemia tem na acentuação da desigualdade; nas taxas de evasão escolar (que certamente também aumentou durante o ano de 2020). Mas também temos outras coisas a pensar, como as novas experiências com as escolas profissionais e as em tempo integral, temas que já são e vão ser, ainda mais, discutidos pelos resultados que vão continuar aparecendo de forma mais evidente nos próximos anos.

Outros exemplos de temas são o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica (Fundeb) como necessidade, como um investimento para escola pública, ou o do impacto que a Emenda Constitucional do Teto dos Gastos Públicos que institui o Novo Regime Fiscal tem e terá para os investimentos públicos em geral – mas em especial para a escola pública. A atuação do movimento Escola Sem Partido, que afetou tremendamente a prática dos professores é outra questão relevante. Hoje, a gente consegue perceber como os professores têm – principalmente os de humanas – uma dificuldade muito maior de discutir determinados assuntos. Não se sentem muito à

vontade, se autocensuram, têm dificuldade em conseguir trabalhar de uma forma mais recorrente determinadas questões. Outros temas passam pela discussão do lugar do professor e o grau de autonomia que tem para debater e pensar o currículo escolar, os planos de aula e a relação que ele tem com os alunos, por exemplo. Nos fatores externos à escola há uma outra discussão que é o do homeschooling, movimento que defende que a educação deve ser dada pela família e não por uma instituição como a escola. Como se vê nesses exemplos, há várias temáticas a serem debatidas e certamente, os professores estão atentos a isso. Por seu turno, nos mestrados profissionais, não somente o de Sociologia, muitas dessas questões estão sendo pesquisadas.

**DoCentes:** Além de articular o ensino à pesquisa, entendida como um dos mais importantes princípios educativos, como o professor da educação básica pode desenvolver atividades e práticas educativas que gere conhecimento significativo entre os educandos?

**Danyelle Nilin:** Eu acho que uma das coisas para desenvolver atividades e práticas educativas que geram conhecimentos significativos, entre os educados, é saber como debater determinadas temáticas, inclusive, escutando-os. Existem temas e questões que os próprios alunos trazem cotidianamente, então é preciso que os professores também estejam atentos a isso. Muitos desses

temas podem facilmente ser inseridos nas discussões, nos conteúdos que são trabalhados em sala de aula. Acho que a forma também é fundamental. Já se percebe, por exemplo, que à medida que se muda a metodologia, coloca-se a possibilidade dos outros – inclusive, colocando os próprios alunos como centro desse conhecimento, o que faz uma diferença muito grande na forma como eles se envolvem e conseqüentemente, também, o fato de que eles vão aprender de forma muito mais significativa.

Realmente é necessário que haja sentido para os alunos. Muitas vezes alguns dos temas não fazem absolutamente nenhum sentido, principalmente pela forma como são abordados. É preciso, portanto, que a gente ouça. Também não é simplesmente ignorar os currículos. Claro que não! Mas é preciso entender que o aluno também está ali e é para ele que aquilo está sendo desempenhado, discutido. Então, é importante que a gente ouça também o que eles pensam sobre como eles trazem coisas que eles querem entender.

A escola é fundamental para os alunos. Eles sabem disso e, em geral, têm uma imagem muito positiva a respeito da escola, a respeito dos professores – mesmo daqueles que, a princípio, eles podem parecer não gostar –, mas, em geral, eles têm, sim, essa visão positiva. Há, sim, espaço para essa instituição trabalhar ainda melhor do que se trabalha. Então, é necessário

olhar o aluno como um sujeito de direitos e, também, protagonista. E que esse protagonismo não seja simplesmente uma palavra, mas que seja realmente revestido em ações. À medida que se coloca o aluno para pesquisar, para produzir conhecimento, para ir a campo encontrar as respostas, faz total diferença na forma como eles lidam com conteúdo, com conhecimento, isso é importante.

O mundo hoje precisa de pessoas curiosas, de pessoas que tentem resolver alguns dos dilemas que estão postos e a escola precisa estimular a curiosidade, a resolução dos problemas como algo fundamental. Neste sentido, os professores podem e devem fazer isso.

**DoCentes:** Agora trazendo questões educacionais diretamente associadas a sua área de atuação, fale-nos da importância da Sociologia e da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas à educação básica, pensada a partir das reformas, resistências e experiências de ensino.

**Danyelle Nilin:** A importância das ciências sociais, das ciências humanas, no geral, para a educação básica é evidente. Elas discutem fenômenos e questões que outras disciplinas não discutem. Então, só por isso, a gente já pode pensar na relevância dos temas intrínsecos às ciências sociais e humanas no ensino médio, por exemplo, que é onde a Sociologia está (não ocupando quase que nenhum lugar no ensino fundamental). Eu acho que a Sociologia tem um papel extremamente relevante

para o aluno. Primeiro para entender um pouco o mundo que o cerca, entender as transformações que estão acontecendo no mundo à sua volta, entender por que as coisas acontecem do jeito que acontecem, entender esses fenômenos e se situar no contexto das mudanças também. Isso é fundamental. É uma pena, na verdade, respondendo sua questão – que a Reforma do Ensino Médio, por exemplo, tenha passado tão ao largo da Sociologia. O lugar que as ciências sociais estão colocadas, nessa última reforma e na Base Nacional Comum Curricular, é um lugar muito periférico, quase inexistente, e não deveria ser assim, inclusive, porque a gente deveria estar trabalhando no sentido de fazer uma articulação maior entre as disciplinas, entre os olhares, para poder compreender os fenômenos de uma forma mais complexa. O que, de fato, não acontece, o que é uma pena.

A necessidade do olhar das ciências sociais para contribuir com a educação básica se percebe, por exemplo, vendo os alunos questionando sobre determinadas estruturas, posicionando-se, inclusive, com a possibilidade da Reforma do Ensino Médio. Algumas escolas foram ocupadas no Brasil e teve um movimento que foi bastante interessante, mostrando que os alunos não foram ouvidos e que eles, assim, desejam-no, o que é mais do que justo. Então, isso mostra, por exemplo, que a Sociologia tem um papel a desempenhar, que é fazer

inclusive que os alunos entendam como as políticas são pensadas, realizadas e como os diferentes interesses estão em jogo. E que não necessariamente, as políticas reduzirão a desigualdade. Não necessariamente elas são boas para todo mundo. Enfim, esse é um papel que as ciências sociais têm a desempenhar: fazer com que as pessoas desnaturalizem a realidade e se situem no mundo.

**DoCentes:** Nos seus estudos sobre a temática das juventudes, nas suas construções e representações a respeito da política, qual o papel da escola pública cearense enquanto espaço fomentador da cidadania?

**Danyelle Nilin:** É necessário que a escola discuta mais a dimensão da política, mostrando o papel que as ciências sociais têm a desempenhar. Nesta reflexão há toda uma área das ciências sociais que se debruça sobre a política, sobre suas representações, sobre os discursos, sobre a própria noção dos termos. Por exemplo, sobre o que é cidadania? O que significa essa palavra, esse termo que é tão usado – às vezes, de forma tão equivocada. Assim, na escola, ela tem esse papel de fazer com que o aluno consiga entender a si mesmo, a perceber-se como parte dessa sociedade. Como um futuro eleitor que vai ter um poder de voz nesse mundo, que tem uma necessidade de se articular, de entender, inclusive, que existem interesses que são muito divergentes na sociedade, que os projetos políticos atendem a determinados interesses. A gente precisa entender que interesses

são esses e qual é o alcance da política. Quais são os limites da política? Como é que as políticas são constituídas? Todas essas discussões precisam realmente acontecer e não podem acontecer numa aula, em um bimestre simplesmente. Ela precisa ser mais permanente, de fato, na escola. Entender, por exemplo, que na própria escola existe o resultado. Tem a ver com as políticas que são implantadas ou não são implantadas, com os recursos que vêm, que não vêm, com a gestão.

Fazer com que os alunos consigam compreender como é que a política acontece de fato, sem ter uma dimensão ingênua da política. Tendo uma dimensão mais realista da política, mas também uma dimensão utópica da política. Sendo estimulados, os jovens podem participar e influenciar uma série de coisas que eles acreditam. Em alguns tipos de grupos há uma descrença muito grande a respeito da política. Essa descrença também tem a ver com muito desconhecimento a respeito do que é a política de fato. O que a política não é simplesmente. O que se faz em Brasília ou que se faz no Parlamento ou que está nas mãos de um governador, de um presidente, de um prefeito. É preciso, portanto, que a escola estimule mais esses espaços e uma das formas de fazer isso é incentivando a participação. Existe o espaço de participação do aluno na escola que são os grêmios. Eles podem e devem ser mais estimulados. Entendendo, inclusive, que também podem se

contrapor em alguns momentos às gestões. Não necessariamente eles têm que se alinhar sempre. O conflito faz parte da vida também. Isso é fomentar espaço de cidadania. É preciso, portanto, tirar a palavra cidadania do papel e colocá-la na prática realmente. Entendendo inclusive que os atores têm dilemas, têm conflitos, têm limites, mas também têm espaço de atuação. Que as coisas não caem do céu, que os homens fazem a sua história. É importante também a gente entender o lugar das instituições e a escola pode e deve fazer isso.

**DoCEntes:** Uma outra questão importante, que perpassa pelo jovem de hoje, é a da necessidade de termos uma formação omnilateral do ser aprendente, tendo em vista um sujeito produtor de conhecimento que, de modo consciente, transforma a realidade em que está inserido. Como você vê a experiência do Ceará com a implementação de educação integral, nas escolas de Ensino Médio em Tempo Integral e nas de Educação Profissional (EMTI's e EEEP's), suas possibilidades políticas, formativas e de preparação para o mundo do trabalho?

**Danyelle Nilin:** Penso que sobre a escola profissional (que já tem um pouco mais de tempo) a gente pode fazer uma melhor avaliação do que a de tempo integral. As duas propostas são bastante interessantes e podem avançar muito no sentido de que propõem conhecer a realidade, ser produtor de conhecimento e transformar a realidade em que o aluno está inserido. É um sinal de

que há outras formas de se trabalhar conhecimento. A de tempo integral creio que ainda é uma experiência muito recente para a gente já poder fazer avaliações mais consistentes. Eu acho que a proposta, por exemplo, das disciplinas eletivas é uma possibilidade muito interessante de permitir que o jovem escolha disciplinas que ele deseja fazer. Tem a ver com as escolhas das temáticas que você sente que são interessantes e isso, percebo, dá um tom de liberdade também ao aluno. O que faz toda diferença para ele, para a vida dele, para o sentido que ele estabelece com seu conhecimento. Por sua vez, uma importante possibilidade para os professores ofertarem disciplinas diferentes do que fazem cotidianamente.

A escola profissionalizante traz uma proposta também essencial, que é a de que o aluno já faça essa discussão a respeito do mundo do trabalho ainda na adolescência. Isso é, de fato, muito importante. E nós sabemos que grande parte das preocupações dos jovens começa a ser realmente como ele vai trabalhar, com o quê ele vai trabalhar. Dar conhecimento a ele a respeito disso é fundamental mesmo. Eu só me pergunto é se realmente, ao que se propõe, a EEEP, de fato, está conseguindo. Como é um ensino, de uma certa forma, diferenciado – tendo os alunos que estão na escola profissional passado por uma seleção para entrar – se já é um público que está muito voltado para a universidade, isso faz com que grande parte desses alunos vá, de fato, fazer curso superior,

não necessariamente relacionado ao curso que ele fez no ensino médio.

Nesse sentido, eu acho que poderia ser revisto, inclusive, a questão da seleção e dos estímulos para que haja inserção no mercado de trabalho. Agora sobre o ensino, em si, vejo que a possibilidade de ser integral, em ambos os casos, é muito interessante, permite que o aluno seja estimulado, inclusive, a ter uma rotina de estudo, pois é muito importante estar na escola por mais tempo, tendo momento para estudar, para produzir seu conhecimento. As duas experiências podem avançar muito, tem uma boa avaliação. Creio que este seja o caminho comprometido com o sucesso do estudante.

**DoCEntes:** O Dossiê Itinerários Formativos traz artigos produzindo a partir de um processo formativo desenvolvido na plataforma da Coordenadoria de Formação Docente e Educação a Distância (Coded) –, que agora estão publicados nesta edição da Revista DoCEntes. Qual a sua leitura dessa realidade informacional híbrida, formação à distância e materialização da produção científica dos professores por meio da publicação em uma revista científica, apontando possibilidades para a formação continuada em EaD entre os docentes da rede de ensino estadual?

**Danyelle Nilin:** Respondendo a sua pergunta, devo dizer que a Secretaria da Educação do Estado

do Ceará (SEDUC) fez um gol de placa, ao estimular que os professores publiquem textos, reflexões, análises. O professor da educação básica tem muito conhecimento. Ele tem conhecimento da prática, ele tem conhecimento teórico, ele faz pesquisa e isso, de fato, é muito importante de ser estimulado. Quanto ao tema do dossiê é fato que a educação a distância já vinha num crescente, nos últimos anos, já no aprimoramento das técnicas, das plataformas e, agora, a pandemia acabou trazendo essa possibilidade de forma mais evidente. Óbvio que em um país que é tão desigual essa capacidade de alcance ficou realmente muito limitada. Mas é fato que essa questão da formação à distância vai ser uma realidade, principalmente a partir de agora. Nesse sentido, é importante que as pessoas estejam fazendo pesquisas a respeito disso, do alcance dessa formação, dos limites dessa informação, sabendo, obviamente, que nada substitui o ensino presencial.

Essa pandemia nos mostrou isso: que os professores são fundamentais e a relação com o aluno, frente à frente, presencialmente, é importante para ambos. Mas não há como negar, nós vivemos num mundo conectado. Parte do nosso dia passa pelo computador, pelo smartphone, e não tem como imaginar que a educação vai ficar fora disso, utilizando essas técnicas, utilizando essas plataformas. Então é muito importante fazer uma reflexão sobre tudo isso. Também dos

impactos sociais, educacionais e políticos que isso tem. O que significa educação a distância? Se é uma educação a distância para diminuir o número de professores – que já é pequeno –, se é para diminuir cargas de conteúdos de forma arbitrária. Se não é para agregar, se não é para tornar a educação mais interessante, com as possibilidades de aprendizado mais reais, aí realmente a educação a distância tem um grande problema. Ela não pode ser vista como a panaceia. Ela não pode ser vista como a salvação para o ensino.

A gente precisa, evidentemente, colocar os pingos nos is e ver como fazer da educação a distância uma educação que permita que as pessoas usufruam de todos os benefícios que existem, no fato de que a gente tem hoje um conhecimento acumulado, que está à disposição da humanidade de forma como nunca tivemos. Se se consegue isso, ótimo. Agora, também é necessário formar professores que tenham informações adequadas, não informações aligeiradas a respeito da temática. Na verdade, é um complemento. Mas se ela vem para se contrapor ao que é feito hoje – com todos os limites que nós sabemos que tem, mas que é o que nós conseguimos fazer e tem muita coisa boa sendo feita – é muito complicado. Eu vejo a educação a distância como uma possibilidade muito real e estimulante para os jovens e para os professores, também, trabalharem suas atividades, mas ela não pode ser feita de qualquer

forma nem em todas as séries e realidades. Eu acho que é importante a gente sempre ponderar muitas vezes a respeito da educação. A gente é muito animado com determinadas novidades que surgem, sem ao menos refletir criticamente.

**DoCEntes:** Voltando para a importância do professor de sociologia na educação básica, já que – fazendo um link com os artigos que compõem este dossiê – também há no componente curricular um roteiro formativo relacionado ao currículo em contínua construção, quais os desafios e condições a serem garantidas para que este exerça a docência de um modo pleno?

**Danyelle Nilin:** Bom, os desafios para que o professor de sociologia consiga exercer a docência de modo pleno são inúmeros. A Reforma do Ensino Médio, por exemplo, tira a Sociologia dos conteúdos obrigatórios, das disciplinas obrigatórias, e isso já dá uma dimensão do que se tem. Um problema grande, anteriormente, era o de que a disciplina acontecia somente nas três últimas séries do ensino médio e uma aula (de 50 minutos) hora por semana. De forma que os professores tinham que reduzir muito uma série de discussões, pelo próprio tempo que tinham em sala de aula. Isso já era um desafio anterior, conseqüentemente é um fato de haver poucos concursos, poucas vagas, o que é desestimulante para o professor, que é licenciado em Sociologia, de continuar nessa formação.

O lugar que a Sociologia ocupava, e ocupa, na escola também não necessariamente é um espaço que é central. Muitas vezes é um espaço periférico. Às vezes, os horários são muito cruéis, reveladores também do que se pensa sobre a disciplina. Há um certo desconhecimento acerca do que é por parte de outros professores, por parte de direção, de coordenadores. Enfim, são muitos os desafios para o professor de sociologia.

Por sua vez, agora ele tem muito mais possibilidades também de estar se formando com mestrados profissionais, em alguns lugares com especializações. Então são pontos positivos que a gente consegue perceber. À medida que há (e se houver) espaço dentro da escola, para que a disciplina se desenvolva e possa fazer um trabalho muito bem articulado com outras disciplinas, sobretudo da área de humanas, a disciplina de Sociologia tem um papel fundamental. Não somente na formação crítica do aluno, mas também como uma disciplina que pode dialogar com uma série de outras disciplinas da escola. É muito estimulante. Se bem trabalhada ela traz benefícios muito interessantes para o aprendizado do aluno.

Eu venho orientando um aluno sobre as redações do ENEM, por exemplo, e a gente percebe o conteúdo extremamente sociológico das redações. Se um aluno tem boas aulas de Sociologia na escola, ele tem capacidade total de fazer boas redações, por exemplo. Não

somente na redação, mas também em várias outras perguntas das provas do ENEM, mostram que se você tem um bom conteúdo sociológico consegue fazer bem essas avaliações. Mas, para além disso, para além dos títulos que eles possam ter, é a própria disciplina que permite que ele perceba o mundo à sua volta, desnaturalize o que está posto. Isso, de fato, é muito importante. Então a Sociologia tende a ser uma disciplina muito interessante mesmo para acontecer na escola, e o professor – se bem formado, e que continue sua formação, pesquisando e refletindo – tem total condição de dar esse apoio, esse suporte para os alunos.

**DoCentes:** As novas tecnologias têm afetado a vida de todos, causando impactos, desde o seu surgimento, principalmente neste momento histórico com a atual pandemia do Covid-19. Assim como afeta a vida social, como tem afetado a pesquisa científica?

**Danyelle Nilin:** Bom, a pesquisa científica faz parte da vida social e, como essa, vem sendo afetada pelas novas tecnologias. Ela pode, na verdade, ser bem afetada positivamente. Durante a pandemia, a gente viu que muitas pesquisas foram realizadas utilizando as plataformas, os softwares disponíveis. Eu imagino que isso vá ter consequências para depois que a pandemia passar. Cada vez mais, a gente está utilizando pesquisas online, utilizando plataformas para entrevistas, softwares para análises de conteúdo, para

análise dos discursos, para análise em grandes bancos de dados. Então, a tecnologia acaba permitindo também que você possa fazer pesquisas de mais longo alcance, o que, de fato, acaba sendo bem interessante. Ainda é algo que se tem que mensurar o impacto, mas o que os primeiros movimentos mostram é que as possibilidades, de fato, são bem reais, hoje. Por conta das tecnologias você pode pesquisar com pessoas ou realidades que estão bem distantes de você, o que anteriormente seria bem mais difícil. Se as pesquisas eram simplesmente presenciais, o fato de que também está se diminuindo o número de investimento em pesquisa, em alguns momentos permite um barateamento utilizando as tecnologias. No primeiro momento, a gente pode perceber que são impactos bem positivos. Agora, ainda precisa se refletir mais, metodologicamente sobre como fazer pesquisa nessas condições, utilizando também essas novas tecnologias e que limite elas trazem de fato.

**DoCentes:** A perspectiva de termos um referencial curricular comum em todo o país tem sido uma realidade que perpassa as diversas políticas educacionais desde a Constituição de 1988. Assim, na sua opinião, quais os entraves e possibilidades que a BNCC traz para uma efetiva, significativa e equânime reestruturação do currículo escolar?

**Danyelle Nilin:** A BNCC é uma demanda há muito tempo

estabelecida. Mas, como todas as políticas, sofre as influências do contexto político, dos grupos de pressão e dos governos que estão estabelecidos. O que a gente pode perceber é que realmente ela mudou muito. Ela teve uma diferenciação muito grande à medida que os governos foram sendo modificados. Não precisaria ser assim, se as políticas tivessem uma permanência maior que os governos. O fato é que cada governo tenta imprimir uma determinada marca e seguir uma determinada orientação – uns numa perspectiva mais democrática, mais inclusiva, mais participativa, outros de forma

mais autoritária, mais impostas de cima para baixo e menos inclusiva. Em alguns momentos, grupos empresariais têm menos poder e em outros momentos eles têm mais poder de definir as diretrizes. Isso de fato é muito complicado em um país como o nosso, muito desigual e com realidades também muito diferentes.

A BNCC se revela muito delicada, de como se conseguir implantar de forma efetiva mesmo, de se atender às especificidades e realidades bastante distintas. É um grande desafio, na verdade. Eu vejo hoje, sim, justamente, porque passamos por um

momento político extremamente conturbado, que não é o melhor momento, de fato, para implantar uma Base Nacional Comum Curricular. Eu acho, no final das contas, que acabou tendo pouca participação da sociedade nessa discussão inteira, que os professores também se sentem ainda muito perdidos a respeito dessa discussão toda. Mas da forma como foi feito – nos últimos anos sobretudo –, não foi a melhor forma possível para ser implantada uma BNCC que possa, inclusive, diminuir as nossas disparidades, ao pensar um currículo adequado realmente para um país, como o Brasil, para o nosso tempo.

